

A PEDRA DE XANGÔ COMO GEOSSÍMBOLO:

SACRALIZAÇÃO DA NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO CANDOMBLÉ EM SALVADOR

João Pedro Batista[1]

Palavras-chave: Geografia Cultural; Antropologia Urbana; Etnogeografia.

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a Pedra de Xangô, monumento natural no parque homônimo, em Salvador (BA), como símbolo da sacralização da natureza no espaço urbano, sob a ótica da Geografia Cultural e da Antropologia Urbana, em uma abordagem interdisciplinar própria da Etnogeografia. Para além de um afloramento geológico, a rocha se apresenta como um marcador cultural e espiritual multifacetado no Candomblé, corporificando o vínculo entre *Orum* (plano espiritual) e *Ayê* (plano material).

Com base em pesquisa bibliográfica e trabalho de campo[2], demonstra-se como a Pedra de Xangô é um sítio geossimbólico da resistência afro-brasileira, cuja preservação atesta a resistência dos povos de terreiro contra o apagamento cultural e a expansão urbana. A argumentação destaca a imanência da natureza e do sagrado na cosmologia do Candomblé como um contraponto à distinção eurocêntrica entre esses dois elementos. Ao articular territorialidade religiosa, produção simbólica do espaço e resistência cultural, o artigo contribui para a compreensão de dinâmicas urbanas que reconhecem e ressignificam costumes de matriz africana na cidade.

[1] Graduando em Geografia, Universidade Federal da Bahia (UFBA).

[2] O trabalho de campo ocorreu dentro da disciplina de Antropologia da Cidade, ministrado pela Profa. Dra. Urpi Montoya, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

METODOLOGIA

A orientação deste trabalho busca, por meio da abordagem interdisciplinar da Etnogeografia[3], unir as práticas de campo próprias da Geografia ao fazer etnográfico da Antropologia, para dessa forma conseguir compreender a Pedra de Xangô em uma dimensão mais profunda, como geossímbolo[4].

A metodologia baseia-se em: (1) na revisão bibliográfica de autores como Teles dos Santos (2007), que discute a relação entre natureza, sagrado e território para as comunidades de Candomblé; (2) a saída de campo para o Parque da Pedra de Xangô, ocorrida em 25 de outubro de 2024, acompanhado da turma de Antropologia da Cidade (e convidados), disciplina foi ministrada pela Profa. Dra. Urpi Montoya, com contribuições cruciais para a análise do ponto de vista etnogeográfico que se deu nesse processo de mesclar pontos de vista de duas áreas (Geografia e Antropologia) para compor um estudo amplo acerca do monumento; (3) análise de discurso, onde foram analisadas as falas de sacerdotisas da religião que estiveram presentes no campo, e que estão vinculadas ao espaço e à luta, para destacar a cosmovisão do Candomblé em relação ao objeto de estudo.

O estudo privilegia a interpretação de símbolos culturais e a ressignificação do espaço urbano, tendo foco sobre a cosmologia do Candomblé, tratando da sacralidade da natureza, sem deixar de lado a análise da disputa territorial como ato de resistência identitária dos povos de terreiro. A análise busca destacar a importância de abordagens interdisciplinares para a compreensão de espaços urbanos marcados por significados e dinâmicas simbólicas da espiritualidade.

DISCUSSÃO

Xangô (em iorubá: *Ṣàngó*), ancestral divinizado do povo yorubá e cultuado no Brasil pelo Candomblé, especialmente pelas tradições de Ketu e Nagô, é a divindade do trovão, do fogo e da justiça. Na natureza, manifesta-se como o som do trovão, está também na solidez das pedreiras e em seus cumes, onde caem os raios. Na Nigéria, sua terra de origem, Xangô possui diversos espaços sagrados que remontam a vida do ancestral, tendo sua origem associada ao surgimento da cidade de Oyó, e sua linhagem preservada até os dias de hoje no território de mesmo nome na Nigéria.

No Brasil, sua presença foi reconstruída em um contexto de resistência e ressignificação, provocado pelo tráfico transatlântico e pela luta dos povos escravizados em preservar suas tradições religiosas. Essa associação entre os orixás e os elementos da natureza é uma característica fundamental do Candomblé, onde cada divindade está ligada a um

[3]"A Etnogeografia, enquanto método, combina abordagens da Geografia Cultural e da Antropologia, explorando como grupos humanos concebem e transformam seu espaço a partir de sistemas de crenças e práticas cotidianas." (LOPES RIBEIRO, 2021).

[4] "Geossímbolo pode ser um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade"(BONNEMAISON, 2012).

domínio específico do mundo natural, como Yemanjá, a Rainha do Mar, e Oxóssi, caçador e protetor das matas e dos animais silvestres (LÉO NETO; NOBREGA ALVES, 2010).

O Candomblé reconstruiu seu panteão divino através da ressignificação de espaços e elementos naturais. A Pedra de Xangô é compreendida como um elo entre o mundo material e espiritual, sendo um local de contato com a ancestralidade. Para a cosmologia do candomblé, o Ayê[5] é um reflexo do Orum[6]. Dentro dessa cosmovisão, a pedra não é Xangô, tampouco sua morada, mas um canal pelo qual sua presença se manifesta, dialogando diretamente com a vida dos devotos de axé. Essa visão é corroborada pela fala de uma das idealizadoras da Caminhada da Pedra de Xangô[7], a sacerdotisa de Candomblé Mãe Iara D'Oxum, liderança comunitária de Cajazeiras, explica que: "Nosso sagrado vive na natureza, e nós vivemos a natureza pelo nosso sagrado" reforçando o caráter de geossímbolo da Pedra, onde o natural e o espiritual se fundem, num contexto em que a natureza não é apenas a composição da paisagem, mas sim uma manifestação viva das divindades, tornando-se o sagrado palpável.

O Parque da Pedra de Xangô, que circunda o rochedo, pode ser percebido como um museu, erguido em memória à luta do povo de axé pela preservação da cultura de terreiro. Esse espaço guarda a memória da resistência das sacerdotisas e devotos, e da comunidade local contra as políticas de expansão urbana que, com o intuito de eliminar o monumento, tentaram implementar a construção de uma pista onde fica a Pedra. A intenção de apagamento cultural evidencia-se, tendo em vista que o projeto da pista foi alterado para preservar o monumento, sem que houvesse prejuízo prático para a população da região. A manutenção da Pedra no local não foi apenas uma vitória ambiental, mas também uma afirmação da identidade afro-brasileira, uma vez que sua remoção representaria um apagamento simbólico da cultura e da religião de matriz africana. Essa luta pela preservação do espaço sagrado reflete a importância da natureza no candomblé, onde os elementos naturais são vistos como parte integrante e essencial da religião (LÉO NETO; NOBREGA ALVES, 2010).

Dessa forma, a Pedra se torna um marco fixo no espaço, um geossímbolo da espiritualidade afro-brasileira, um ponto de referência que, através da fé dos candomblecistas, ganha uma dimensão sagrada. No entanto, sua relevância transcende a definição clássica proposta por Bonnemaison. Enquanto o geossímbolo tradicionalmente se vincula a uma territorialidade identitária (BONNEMAISON, 2012), a Pedra de Xangô, dentro da cosmovisão do Candomblé, opera como um portal entre dois mundos, um papel próprio da natureza sagrada dentro da cultura de axé, como trazido na fala de Mãe Iara de Oxum, que coaduna com a visão geral dos povos de terreiro. Essa dimensão metafísica, onde o natural e o espiritual se fundem, amplia o conceito de geossímbolo, incorporando não apenas a resistência cultural, mas também a mediação entre planos existenciais.

A sacralização do espaço é uma das características fundamentais das religiões de matriz africana, onde não há separação entre o natural e o sagrado. A pedra sozinha não teria significado, e o espaço vazio sem ela também não seria relevante. A relação entre espaço e

[5] do yorubá, *Ayê*, significa terra, dentro do Candomblé é o termo que designa o mundo material , o plano físico, é oposto ao Orum.

[6] do yorubá, *Orum*, significa céu, dentro do Candomblé é o termo que designa o mundo espiritual, o plano sutil, é oposto ao Ayê, é um plano complexo, dividido em nove camadas que se relacionam com o nível de iluminação espiritual exigido para cada uma delas.

[7] A Caminhada da Pedra de Xangô é um evento anual, uma procissão da fé afro-brasileira, onde devotos caminham em direção ao espaço da Parque e ao chegar à Pedra são prestadas as devidas oferendas ao orixá Xangô, e demais orixás que acompanham seu culto.

natureza funciona como elos de uma corrente inseparável; caso um seja rompido, o sentido sagrado do local se perde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, que parte da análise da Pedra de Xangô como geossímbolo, um fenômeno de sacralização da natureza no espaço urbano de Salvador, revelando como este afloramento geológico transcende a materialidade e se consolida como geossímbolo espiritual e também político através do Candomblé. Através da abordagem etnogeográfica, que articula a Geografia Cultural e a Antropologia Urbana, demonstra como o monumento ocupa a esfera simbólica como eixo de conexão entre Orum e Ayê, incorporando a cosmovisão afro-brasileira que integra a natureza, divindade e território. Os resultados evidenciam que sua preservação está para além do ambiental, mas constitui um ato de resistência contra o apagamento cultural, reforçando a soberania dos povos de terreiro e demarcando a identidade afro-brasileira na produção do espaço urbano.

A pesquisa confirma a potência das abordagens interdisciplinares, como é o caso da Etnogeografia, para conseguir decifrar paisagens marcadas por contextos simbólicos e significados espirituais, onde se condensam questões que estão para além do tátil e palpável e permeiam o metafísico, o campo da fé e da espiritualidade. No caso da Pedra de Xangô, essa perspectiva interdisciplinar permitiu desvendar tanto sua função ritualística dentro da cosmovisão do Candomblé, quanto o seu papel na soberania popular, e a disputa por visibilidade e pertencimento na cidade de Salvador. O estudo reforça assim, a necessidade de abordagens que superem as dicotomias ocidentais entre natureza e cultura, destacando como a geografia das religiões de matriz africana redefine o próprio conceito de urbanidade a partir de suas epistemologias ancestrais.

REFERÊNCIAS

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf> Acesso em: 04 Out. 2024

TELES DOS SANTOS, Jocélio. **Geografia Religiosa Afro-baiana no Século XIX.** Estudos Afro-Asiáticos, ano 27, n. 1/2/3, 2007.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano; NÓBREGA ALVES, Rômulo Romeu da. **A natureza sagrada do candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de candomblé no Nordeste do Brasil.** Interciencia, v. 35, n. 8, p. 568-574, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33914367003>. Acesso em: 20 Out. 2024

BONNEMAISON, Joël. **Viagem em torno do Território**. In: SOUZA, J. C. M.; BERNARDES, A. A representação geossimbólica do território religioso da Catedral do Santíssimo Salvador – Campos dos Goytacazes/RJ. Disponível em: <http://semanadageografiauffcampos.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/473/2019/03/A-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-GEOSSIMB%C3%93LICA-DO-TERRIT%C3%93RIO-RELIGIOSO-DA-CATEDRAL-DO-SANT%C3%8DSSIMO-SALVADOR-%E2%80%93-CAMPOS-DOS-GOYTACAZESRJ.pdf> . Acesso em: 21 Abril 2025

LOPES RIBEIRO, Z. **Uma abordagem conceitual sobre a etnogeografia: definições, gênese e fundamentos.** Terra Livre, v. 2, n. 57, p. 39-60, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/download/2268/1812/6887> . Acesso em: 21 Abril 2025.